

O Ressurgimento do Interesse da Rússia na Ásia Central

TEN-CEL SCOTT G. FRICKENSTEIN, USAF*

NA BLOGOSFERA, através das transmissões de rádio, TV e imprensa, muitas pessoas opinam acerca de como a administração Obama deveria abordar o Afeganistão, o Irã, a Coreia do Norte e várias outras questões nacionais e internacionais. Apesar da ordem de despejo da base aérea do Quirguistão, em fevereiro de 2009, o debate público referente à Ásia Central é mínimo. Os profissionais e acadêmicos da força aérea perceberam que o acesso à região é essencial às operações em curso. Uma vez que a Rússia possui vasta experiência na Ásia Central e nela pretende desempenhar um papel mais relevante, a análise da evolução de suas diretrizes em relação à Ásia Central é importante para o desenvolvimento das metas norte-americanas para aquele país. De fato, tanto os que formulam estratégias para futuros engajamentos como os Militares da Força Aérea que, afinal de contas, operam dentro dos parâmetros de tais parcerias, devem procurar aprimorar o conhecimento das nuances da Ásia Central. Este artigo não recomenda abordagens para as diretrizes norte-americanas – em vez disso, oferece a compreensão histórica para a formulação e execução de tais diretrizes.

A fim de analisar eficazmente as diretrizes russas em relação à Ásia Central, em primeiro lugar, é necessário compreender o legado histórico soviético e russo na região. Após o colapso da URSS, a Rússia, ao princípio, ficou indiferente – quase que irritada, na verdade – em relação à Ásia Central. Não surpreende o fato de que os países incipientes da região procuraram assistência em outra parte, à medida que se aventuravam para fora do ninho

soviético. A Rússia logo percebeu que havia perdido grande parte da influência na região. Contudo, na segunda metade do mandato do presidente Boris Yeltsin, recuperou uma parcela bem pequena de prestígio, a partir do momento em que os habitantes da Ásia Central perceberam que os russos colocavam em prática o lema “faça o que eu digo e não faça o que eu faço”. Durante a administração do sucessor de Yeltsin, Vladimir Putin, houve maior enfoque e reafirmação rigorosa da autoridade russa na região. Este artigo analisa os aspectos de segurança, econômicos e políticos das diretrizes estrangeiras da Rússia para cada um desses três períodos referentes à Ásia Central, avaliando, de forma concisa, os resultados de seus empreendimentos. Antes da conclusão, examina dois acontecimentos importantes durante a presidência de Dmitri Medvedev, o período de política externa declarada, ainda em fase de evolução.

Desenvolvimento Histórico

A denominação Ásia Central normalmente refere-se às cinco ex-repúblicas soviéticas do Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Turquemenistão e Uzbequistão. Os Czares russos conquistaram a região pelo final do século XIX.¹ O Grande Jogo [*Great Game*] continuava, à medida que a Rússia competia com o Império Britânico para obter maior influência estratégica na Ásia Central e Meridional.² Na tentativa de integrar a Ásia Central ao seu domínio imperial, os russos investiram muito

*O autor é Chefe de Divisão do Estado-Maior Conjunto (J8)

em infraestrutura de transporte e agricultura. Na União Soviética, a “integração e absorção avançaram com novo vigor”.³ Durante o período soviético, as repúblicas da região forneceram recursos, serviram de exílio, abrigaram testes nucleares, desenvolvimento de armas biológicas e lançamentos espaciais.⁴ Em 1991, os líderes das repúblicas da Ásia Central declararam independência da União Soviética.⁵ Desde então, as relações entre as nações da Ásia Central tornaram-se normalmente “limitadas ou gélidas”, e algumas delas são “francamente hostis” entre si.⁶ Essas nações relativamente jovens muitas vezes assumem a posição de “estados-clientes em relação ao ex-mestre”, mesmo que usem de “cautela para com as ambições neo-imperialistas de Moscou”.⁷ Os especialistas regionais atribuem a existência da persistente influência russa mais à mescla de proximidade, história e cultura compartilhada do que à competente política externa.⁸

Durante a primeira década da independência das novas nações da Ásia Central, os interesses norte-americanos na região incluíam a segurança de Armas de Destruição em Massa-ADMs [*Weapons of Mass Destruction-WMD*], reformas internas e energia. Os EUA começaram imediatamente a garantir a segurança do enorme complexo ADM da ex-União Soviética. Durante a década de 90, os americanos comprometeram bilhões de dólares em assistência à região, principalmente destinada às reformas de política e de mercado.⁹ Mas com exceção às armas nucleares desprotegidas da Ásia Central, nos anos 90 os norte-americanos não possuíam “maiores interesses”; o Secretário de Estado Adjunto, Strobe Talbott, disse que os Estados Unidos não tinham a intenção de gerenciar a segurança regional e estariam contentes “se a região permanecesse livre de domínio de grande potência”.¹⁰

Após o 11/09, os interesses dos EUA passaram por grande mudança. A derrota do Talibã passou a ser a prioridade. Assim, a América saiu em busca de parceiros muçulmanos que viviam “às portas” do Talibã. Durante os preparativos para a Operação Liberdade Duradoura [*Operation Enduring Freedom*], os Estados Unidos buscaram estabelecer direitos de sobrevoo, aterrissagem e de Base, na Ásia

Central. Os direitos para o estabelecimento de Base foram assegurados no Aeroporto Internacional de Manas, próximo à capital do Quirguistão e em antiga base aérea soviética, cerca das cidades uzbeques de Karshi e Khanabad, a 90 milhas da fronteira afegã.¹¹ Os interesses dos EUA durante a segunda década das nações da Ásia Central foram predominantemente relacionados ao terrorismo. Os interesses iniciais foram a não-proliferação, o desenvolvimento e os recursos naturais em rápido declínio.

As Diretrizes da Rússia Referentes à Ásia Central no Início dos Anos 90

Do colapso da União Soviética em 1991 até meados da década de 90, a Rússia estava preocupada com reformas internas revolucionárias e intensamente focada em fazer parte da Europa. Como tal, Yeltsin não contava com estratégia aparente para a Ásia Central.¹² Um alto funcionário cazaque relembra como a Rússia “deu as costas à Ásia Central, vendo-a como obstáculo à missão em pauta, que era ingressar à Europa”. Jos Boonstra, co-presidente do Projeto de Monitoramento União Européia-Ásia Central [*EU-Central Asia Monitoring Project*], concorda que a Rússia sentia que a Ásia Central era um “incômodo que restringia Moscou”.¹³ As diretrizes letárgicas da Rússia referentes à segurança, economia e política perante a Ásia Central durante esse período encarna sua irritação. Um resumo dos resultados dessas diretrizes revela que a Rússia colheu o que semeou.

A cooperação russa com a Ásia Central em segurança e aspectos militares, realizada no início dos anos 90, foi caracterizada por pouca conversa e ainda menos ação. Apesar da Rússia ter se obrigado perante vários países da Ásia Central, em razão do Tratado de Segurança Coletiva de Trashkent [*Tashkent Collective Security Treaty*], celebrado em 1992, o que se viu, na prática, foi a drástica redução de sua cooperação militar.¹⁴ As tropas de fronteira regional russas e a 201^a Divisão de Infantaria

Motorizada instalada no Tajiquistão, foram exceções óbvias. Apesar disso, esses remanescentes não puderam evitar a guerra civil no Tajiquistão, nem reduzir o fluxo de narcóticos provenientes do Afeganistão rumo ao norte.¹⁵ Assim, apesar do anúncio de Moscou de uma nova “Doutrina Monroe” regional, a Rússia “não era nem recebida como grande irmã, nem era capaz de desempenhar o papel de hegemonia regional”.¹⁶ Além da demonstração de diretrizes incoerentes, a Rússia assumiu obrigações do tratado soviético referente ao Afeganistão, mas virou as costas para o “problema afegão”, preparando o palco para a guerra civil.¹⁷

As primeiras diretrizes econômicas de Yeltsin relativas à Ásia Central foram ainda mais destrutivas do que a dissolução da zona neutra da defesa meridional russa. A terapia de choque formulada por Yegor Gaidar forçou o bloco da Ásia Central a ficar de fora da zona do rublo em 1993, deixando os países incipientes sem moeda.¹⁸ Enquanto tais práticas do Estado russo causaram estragos, as empresas privadas russas, recém-formadas, (por exemplo, a *LUKoil*, etc) buscaram a todo custo firmar acordos comerciais na Ásia Central, especialmente na área de recursos naturais.¹⁹

A indiferença russa também permeou suas relações políticas com a Ásia Central. Em vez de se aproveitar da Comunidade dos Estados Independentes-CEI [*Commonwealth of Independent States-CIS*], a fim de desenvolver a cooperação entre suas ex-repúblicas, a Rússia concebeu a CEI simplesmente como ferramenta para supervisionar a dissolução da URSS.²⁰ Além disso, ignorou a tentativa do presidente cazaque, Nursultan Nazarbayev, de formar a União Euro-Asiática em 1994.²¹

O ditado “quem não planta, não colhe” descreve de modo adequado os resultados da diretriz russa de indiferença em relação à Ásia Central no início dos anos 90. Assim, devido ao quase inexistente cultivo nos campos de segurança, economia e política, a Rússia efetivamente perdeu a região. Os países da Ásia Central, carentes de forças militar e econômica e rapidamente perdendo a fé na Rússia, solicitaram imediatamente “garantidores externos da segurança regional e assistência es-

trangeira”.²² Em 1994, os países inscreveram-se no programa Parceria para a Paz [*Partnership For Peace- PFP*] da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Em 1995, os ministros de defesa do Cazaquistão, Quirguistão e Uzbequistão formaram um conselho conjunto para ajudar a coordenar os empreendimentos da *PFP*, constituindo o Tsentrazbat, o Batalhão da Ásia Central [*Central Asian Battalion*] no intuito de levar a efeito o treinamento da *PFP*.²³ A redução significativa da ingerência russa nos recursos naturais da Ásia Central – algo que era líquido e certo durante a era soviética – e a conscientização de que as nações estavam “despojando-se do manto de ‘irmão caçula’”, logo convenceram a Rússia de que aquele “campo” carecia de “cultivo”.²⁴

Diretrizes da Rússia em relação à Ásia Central no Final dos Anos 90

Em meados dos anos 90, as diretrizes externas russas tomaram novo rumo sob o mandato do novo Ministro dos Negócios Estrangeiros, Yevgeny Primakov, nomeado em 1996. Seu objetivo em restaurar a influência regional da Rússia (conhecido por muitos como “a doutrina Primakov”) teve prioridade em relação à integração com o Ocidente.²⁵ A Rússia, gradualmente, ficou mais interessada na região, talvez reagindo às tentativas das nações da Ásia Central em formar novas relações internacionais “devido a necessidade”.²⁶ De fato, Primakov escreveu que o Ocidente estava “labutando ativamente para impedir que a Rússia tivesse um papel de maior destaque” em suas ex-repúblicas, e acusou-o de bloquear as tentativas russas de reaproximação com a região.²⁷

Ao desenvolver sua ligeira retomada de consciência em relação à Ásia Central na segunda metade da década de 90, a Rússia tímidamente tentou aumentar a cooperação em segurança e defesa com a Ásia Central. Durante este período, quando os radicais islâmicos tomaram o controle da República da Chechênia e o Talibã passou a controlar o Afeganistão, a Rússia conscientizou-se da ameaça do

Islã radical à segurança nacional.²⁸ O vínculo entre a Rússia e o Tajiquistão tornou-se um pouco mais forte quando os tajiquistaneses informalmente concederam aos russos um acordo de estabelecimento de Base para a 201ª Divisão de Infantaria Motorizada.²⁹ Até o final de 1999, no entanto, quase todos os guardas de fronteira já haviam sido retirados do Quirguistão e os assessores russos haviam deixado o Turquemenistão. O Uzbequistão abandonou o Tratado de Segurança Coletiva ao ver que a Rússia deixou de conter o avanço Talibã, tornando a situação ainda pior.³⁰ Em geral, a função russa, referente à segurança entrou em declínio e centrou-se, principalmente, na “venda de suprimentos militares, um contingente de manutenção da paz . . . e coordenação com estes Estados relativa às medidas anti-terroristas.”³¹

Os empreendimentos russos para consumir a doutrina Primakov na área econômica foram destinados, principalmente, ao transporte de hidrocarbonetos. Moscou alegava possuir o “direito” de transporte, opondo-se às tentativas daqueles que queriam evitar o território russo a todo custo.³² Mas além da limitada colaboração em exportação de petróleo com o Cazaquistão e o Turquemenistão, a Rússia não se concentrava em refortalecer a cooperação econômica – na verdade, o volume de comércio geral decresceu abaixo do nível no início dos anos 90.³³

Da mesma forma, a Rússia dispendeu muito pouco esforço, durante este período, no campo da cooperação multilateral com a Ásia Central. As relações tornaram-se estritamente bilaterais desde que a CEI “ tornou-se ineficaz”, após cumprir o propósito de levar as ex-repúblicas a um “divórcio civilizado”.³⁴ O único relato de sucesso multilateral russo foi a resolução da guerra civil do Tajiquistão, em cooperação com Irã e Uzbequistão.³⁵

Em síntese, apesar da liderança no Ministério dos Negócios Estrangeiros, a Rússia deixou de fortalecer a posição na Ásia Central no final dos anos 90. Os estudiosos atribuem às deficiências russas a falta de consenso entre a alta administração, as várias incoerências e contradições em diretrizes (devido à mudança repentina de primeiros-ministros no fi-

nal do mandato de Yeltsin) e as debilidades econômica e militar.³⁶ A Rússia não compreendeu plenamente a importância da região para a segurança e interesses econômicos a longo prazo. Os especialistas regionais Vladimir Paramonov e Aleksey Stokov afirmam que os líderes russos essencialmente “retrocederam” ao pensar que, no sentido de fortalecer sua posição na Ásia Central, a Rússia primeiramente devia “recuperar sua posição internacional”.³⁷ Não é de surpreender que as nações da Ásia Central continuaram a perder a fé na Rússia, afinal, não gostaram de ver como os exaltados pronunciamentos russos referentes às intenções para com a Ásia Central raramente converteram-se em ações sensatas; além disso, reconheceram as fraquezas econômica e militar da Rússia e continuaram a recorrer aos seus próprios recursos internos escassos, bem como a relações externas.³⁸

As Diretrizes Russas em relação à Ásia Central durante a Administração Putin

Sob a liderança de Putin, as diretrizes russas relativas à Ásia Central mudaram nitidamente. Deixaram de lado a retórica, em geral sem ações, presenciada durante os anos 90, aderindo-se à abordagem mais determinada e proativa. Boonstra esclarece que a Rússia vê a década de 90 apenas como “breve intervalo de falta de influência” na região, comparado ao amplo período histórico, que inclui o Império Russo e a União Soviética.³⁹ Putin afirmou que a Ásia Central “constitui alta prioridade em diretrizes externas e zona de interesses nacionais russos”, refletindo a crença russa de que “enquanto os americanos estão aqui agora, estamos na região para sempre”.⁴⁰ Sob a administração Putin, a Rússia começou a alinhar as palavras – acerca da necessidade de estreita cooperação – às ações. Porém, não alcançou sucesso inequívoco.

Nos anos de Putin, o ativismo russo em cooperação militar e de segurança anuncia auspiciosa hegemonia que desperta após longa hibernação – ao tentar “recuperar o tempo

perdido” e frustrada com as influências externas em seu domínio. Em abril de 2000, a Rússia liderou os membros do Tratado de Segurança Coletiva na criação de forças de reação de prontidão para combater o terrorismo. Em 2001, a Rússia criou a sucursal quirguistanesa do Centro Anti-Terrorismo da CEI em Moscou.⁴¹ Após o 11/09, Putin justificou a presença americana na região como defesa útil contra o Talibã e o Movimento Islâmico do Uzbequistão – clara ameaça aos interesses russos.⁴² No entanto, Roy Allison explica que o aceite inicial da Rússia da presença americana logo degenerou a “sentimento de injustiça e à ideia de ‘zero’ (ou seja, de que não foi vantajoso)” entre as elites preocupadas com o “deslocamento estratégico” da Rússia na Ásia Central.⁴³ Cita o arrendamento da base aérea de Kant, no Quirguistão, em Outubro de 2003, como “o exemplo mais proeminente do interesse russo em reconstituir, pelo menos, alguns aparatos de zona de segurança avançada na Ásia Central”.⁴⁴ Além disso, a Rússia também aproveitou o momento em que as relações entre o Uzbequistão e os Estados Unidos azedaram, logo após o massacre de Andijan, para assinar o “Tratado de Relações Aliadas” com o Uzbequistão, em Novembro de 2005.⁴⁵

Sob a liderança de Putin, a Rússia ainda reafirmou os interesses econômicos na Ásia Central, especialmente em relação aos hidrocarbonetos. Allison afirma que os russos consideram esses recursos “igualmente como propriedade e ferramenta estratégicas”.⁴⁶ Como propriedade, os hidrocarbonetos da Ásia Central são vitais ao comércio russo com a Europa (principal importadora de recursos energéticos russos).⁴⁷ As exportações de gás do Turquemenistão e do Uzbequistão abastecem o mercado interno russo a preços muito baixos, permitindo à Rússia vender seu gás da Sibéria Ocidental a Europa a preços muito mais elevados (por exemplo, 100 dólares por mil metros cúbicos comparado a 250 dólares por mil metros cúbicos).⁴⁸

No que diz respeito à visão dos hidrocarbonetos como instrumento, o monopólio russo sobre os dutos de exportação permite a Moscou pressionar os países da Ásia Central a ceder o controle de seus hidrocarbonetos. O

plano de 2007-30, publicado pelo Instituto de Estratégia Energética da Rússia [*Institute of Energy Strategy*] inequivocamente declara que “se deve manter o controle russo sobre grande parte do gás da Ásia Central”.⁴⁹ Stephen Blank, professor de segurança nacional na Escola Superior de Guerra do Exército dos Estados Unidos [*US Army War College*], argumenta que a recente afirmação russa de que não possui intenções imperialistas na Ásia Central não combina com os fatos, i.e., o monopólio de dutos permite a Moscou pagar pelo gás preço bem abaixo do mercado. A relutância russa em investir na indústria impede os fornecedores de competir em escala global e as tentativas dos fornecedores em diversificar as rotas de exportação são vistas como “ameaça aos interesses vitais [russos]”.⁵⁰ O Ministro dos Negócios Estrangeiros, Sergei Lavrov, chegou até a ameaçar o emprego de “todas as táticas de pressão econômica concebíveis” contra os regimes não cooperativos da CEI.⁵¹ Os russos também reafirmaram a influência na Ásia Central ao estabelecer e participar ativamente em várias organizações multilaterais. Boonstra esclarece que o Kremlin percebeu a estabilidade na Ásia Central como responsável pela segurança nacional russa e pretendeu instituir estabilidade através de “variedade de organizações regionais que se sobrepõem, em adesão e objetivos”.⁵² A Organização do Tratado de Segurança Coletiva – OTSC [*The Collective Security Treaty Organization-CSTO*], a Comunidade Econômica Euro-asiática-CEEA [*Eurasian Economic Community-EurAsEc*] e a Organização para Cooperação de Xangai – OCX [*Shanghai Cooperation Organization-SCO*] exemplificam as tentativas russas para atingir este objetivo.

As raízes da OTSC, fundada em 2002, encontram-se no Tratado de Tashkent de 1992, mencionado anteriormente.⁵³ A análise de Paramonov e Stokov da liderança russa referente às atividades da OTSC, de 2002 a 2007, apresenta amplas provas, em apoio às afirmações de outros estudiosos, de que a Rússia usou essa organização para opor-se à OTAN.⁵⁴ A Rússia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão e Tajiquistão assinaram o Tratado da CEEA em 2000, para facilitar o comércio

entre os países membros; depois de observar o grande progresso feito pela CEEA, o Uzbequistão aderiu a ela em 2006.⁵⁵ A OCX surgiu após o 11/09, quando o Uzbequistão uniu-se aos “Cinco de Xangai” [*Shanghai Five*] – China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão e Tajiquistão, instituído de início, para fomentar a “desmilitarização da fronteira entre a China e a antiga União Soviética”. Entretanto, a OCX persegue uma agenda bem mais ampla, incluindo o terrorismo, o comércio e o tráfico.⁵⁶ A Rússia colaborou com a China para usar a OCX, a fim de inibir a influência norte-americana na Ásia Central, frustrando a capacidade da potência aérea de contribuir às operações da coalizão no Afeganistão. Em 2005, a Rússia manifestou sua irritação com as bases aéreas americanas (Karshi-Khanabad e Manas), incentivando a OCX a exigir que os Estados Unidos estabelecessem um cronograma para a sua retirada da região.⁵⁷

As diretrizes russas em relação à Ásia Central sob o governo Putin obtiveram resultados desordenados. Por um lado, a Rússia recuperou parte da confiança perdida durante o mandato de Yeltsin, com diretrizes mais estáveis, pragmáticas e bem financiadas.⁵⁸ Após sensibilizar os autocratas da Ásia Central acerca de suas vulnerabilidades à luz da derubada de Saddam Hussein e da Revolução Rosa da Geórgia, os encarregados das diretrizes russas retrataram sua “imagem como parceiro tradicional, confiável”.⁵⁹ Por outro lado, a atitude russa, consistente e paternalista, em relação ao(s) “parceiro(s) dissimilar(es)”, foi rispidamente criticada por certos líderes da região.⁶⁰ Além disso, estudiosos observaram que a Rússia percebeu a importância geoestratégica da região de maneira muito restrita – ou seja, como mera ferramenta para reviver a estatura de grande potência e garantir o abastecimento de energia.⁶¹

Acontecimentos Recentes

Medvedev, pupilo de Putin, tomou o manto do mentor em maio de 2008. Todavia, Putin desempenhou papel ativo na política externa

em seu atual cargo de Primeiro-Ministro. Assim, a contínua posição ativista russa em relação à Ásia Central pode ser encarada, simplesmente, como a persistência das diretrizes de sua presidência. Tendo em vista que o governo de Medvedev ainda dá os primeiros passos, é cedo demais para analisar por completo os resultados das diretrizes russas referentes à Ásia Central durante seu mandato. No entanto, um breve exame de seu “Conceito de Política Externa” [*Foreign Policy Concept-FPC*] e a avaliação da recente postura ambivalente russa em relação às operações no Afeganistão, demonstram-se úteis aqueles que elaboram as diretrizes norte-americanas. A *FPC* de julho de 2008, documento de natureza semelhante à Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos [*US National Security Strategy*], ressoa com o que se percebe ser o ressurgimento russo, tanto em aspirações globais como em responsabilidades, perante as repúblicas vizinhas. A *FPC* defende a “capacidade real em desempenhar merecido papel globalmente” como um dos “centros de influência no mundo moderno”.⁶² Um dos principais objetivos da política externa russa, por meio da *FPC*, é “promover boas relações de vizinhança com os Estados fronteiriços, para ajudar a eliminar os focos de tensão e conflitos existentes nas regiões adjacentes à Federação Russa . . . e para evitar que surjam outros”.⁶³

Outro objetivo primário, de acordo com a *FPC*, é buscar parcerias que visem à estabilidade – a essência dos esforços multilaterais de Putin, examinada anteriormente. A OTSC, a CEEA e a OCX são mencionadas especificamente como instrumentos para garantir a segurança mútua e combater as ameaças generalizadas na CEI, tais como “terrorismo, extremismo, narcotráfico, crime transnacional e migração ilegal”.⁶⁴ Na seção referente à “Cooperação Econômica e Ambiental Internacional”, a *FPC* descreve o interesse russo em segurança energética e fortalecer as “parceria[s] estratégica[s] com . . . os principais produtores” a fim de garantir o trânsito seguro.⁶⁵ Tal palavreado é coerente com o desejo demonstrado pela Rússia em jogar duro na área de energia.

A *FPC*, ainda, reconhece a percepção russa em relação ao “aprofundamento da crise no Afeganistão” como “ameaça à segurança dos . . . limites da CEI” e dispõe a intenção russa em cooperar com organizações multilaterais para prevenir os efeitos indiretos e resolver a situação.⁶⁶ Antes de lançar a *FPC*, a Rússia manifestou interesse em discutir o Afeganistão através da estrutura do Conselho OTAN-Rússia. Porém, essa tentativa foi arquivada por tempo indeterminado, após a Rússia invadir a Geórgia em agosto de 2008, um membro da OTAN.⁶⁷

Em vista das declarações russas de apoio à missão no Afeganistão (como aquelas dispostas na *FPC* e em outros documentos) e da percepção de que a Rússia é a beneficiária principal, os encarregados das diretrizes norteamericanas estão frustrados com o empenho russo em dificultar os empreendimentos liderados pelos EUA e pela OTAN. Após o envolvimento explícito da Rússia em convencer o Quirguistão a despejar os Estados Unidos da Base Aérea de Manas, o parlamentar e aliado de Putin, Igor Barinov, reconheceu que o Kremlin “compartilha muitos objetivos com Washington”, mas expressou não só amargura com “a postura adotada pela OTAN”, como também pesar, por entender que pouca “atenção foi prestada em relação à opinião russa”.⁶⁸ O Secretário de Defesa, Robert Gates, respondeu que os russos estavam “tentando contentar gregos e troianos”, enviando “sinais positivos de que queriam trabalhar conosco”, mas “opondo-nos acerca do aeródromo”.⁶⁹

Os acontecimentos recentes, de fato, ratificam a reafirmação russa de uma “zona de influência” nesta parte da antiga União Soviética.⁷⁰ Andrei Serenko, co-fundador de um laboratório de idéias [*think tank*] russo focado no Afeganistão, confirma que “a Rússia quer ser o único mestre do reino da Ásia Central e “na medida do possível . . . dificultará as coisas para os EUA – fazendo com que a transferência das forças americanas para o Afeganistão dependa da boa vontade do Kremlin”.⁷¹ De-

monstrando a propensão de ficar com a última palavra na região, a Rússia causou distúrbio no Uzbequistão, anunciando planos de abrir uma base da OTSC em Osh, na região sul do Quirguistão, logo após o eventual despejo de Manas.⁷²

Conclusão

Desde a dissolução da União Soviética, as diretrizes russas relativas à Ásia Central vem progredindo, de uma postura passiva e irritada à ativa e empenhada. Logo no início do mandato de Yeltsin, a Rússia concentrou-se em reformas domésticas e integração com o Ocidente. Os novos países da Ásia Central, por sua vez, perderam a confiança na Rússia e buscaram novas parcerias. Apenas no final dos anos 90 a Rússia passou a prestar um pouco mais de atenção à Ásia Central. No entanto, a debilidade econômica e inconsistência em diretrizes impediram grande progresso. Durante a administração Putin, os russos demonstraram a “intenção definitiva” para com as nações da Ásia Central – a saber, de “limitar [sua] soberania... e ampliar o controle das diretrizes externas.”⁷³ A *FPC* de Medvedev e as ações recentes na Ásia Central confirmam tanto as aspirações hegemônicas russas como o enfoque intenso em interesses de segurança e energia. Assim, atentos à evolução das diretrizes russas em relação à Ásia Central, munidos da apreciação do senso histórico russo de que a região está em sua “zona de influência”, e cautelosos da “soma-zero” da Rússia relativa às áreas das repúblicas vizinhas, os líderes norteamericanos e profissionais da capacidade aérea estarão melhor preparados para criar e implementar, por mútuo consentimento, uma diretriz estratégica para a Ásia Central contextualmente sólida. □

Washington, DC

Notas

1. Jim Nichol, *Central Asia's New States: Political Developments and Implications for U.S. Interests*, Breve Questão para o Congresso, IB93108 (Washington, DC: Congressional Research Service, 1º de abril de 2003), 1, <http://fpc.state.gov/documents/organization/19497.pdf> (acessada em 07 de dezembro de 2009).
2. Alisher Ilkhamov, "Russia Lures Uzbekistan as Its Strategic Satellite in Central Asia," *Russian Analytical Digest* 29 (16 de outubro de 2007): 8, http://kms2.isn.ethz.ch/serviceengine/Files/RESSpecNet/43854/ipublicationdocument_singledocument/873470F7-33D2-470E-A9F1-7764437F7903/en/Russian_Analytical_Digest_29.pdf (acessada em 07 de dezembro de 2009).
3. *Ibid.*
4. Marat E. Shaikhutdinov, "Central Asia: Developing the Region in the Vortex of the Geopolitical and Geoeconomic Antagonisms of the World Powers," *American Foreign Policy Interests* 29, n° 1 (Janeiro/Fevereiro de 2007): 46, <http://www.informaworld.com/smpp/section?content=a772849580&fulltext=713240928> (acessada em 07 de dezembro de 2009); e Murray Feshbach, *Ecological Disaster: Cleaning up the Hidden Legacy of the Soviet Regime* (New York: Twentieth Century Fund Press, 1995), 65–66.
5. Ilkhamov, "Russia Lures Uzbekistan," 8.
6. Jos Boonstra, "Russia and Central Asia: From Disinterest to Eager Leadership," *EU-Russia Centre Review* 8 (Outubro de 2008): 72, http://www.eu-russiacentre.org/wpcontent/uploads/2008/10/review_viii_final_13_10.pdf (acessada em 07 de dezembro de 2009).
7. Ilkhamov, "Russia Lures Uzbekistan," 8.
8. Joseph McMillan, Eugene B. Rumer, e Phillip C. Saunders, "Engaging Other Major Powers," em *Strategic Challenges: America's Global Security Agenda*, ed. Stephen J. Flanagan e James A. Schear (Washington, DC: National Defense University Press, 2007), 177, <http://www.ndu.edu/inss/Books/sc.pdf> (acessada em 07 de dezembro de 2009).
9. Eugene Rumer, "A New World Order?" *Carnegie Reporter* 3, n° 4 (Primavera de 2006): 9, <http://www.carnegie.org/pdf/carnreporterSp06.pdf> (acessada em 07 de dezembro de 2009).
10. *Ibid.*, 9–10.
11. Jim Nichol, *Uzbekistan's Closure of the Airbase at Karshi-Khanabad: Context and Implications*, Relatório do CRS para o Congresso, RS22295 (Washington, DC: Congressional Research Service, 07 de outubro de 2005), 1–2, https://www.policyarchive.org/bitstream/handle/10207/4245/RS22295_20051007.pdf?sequence=1 (acessada em 07 de dezembro de 2009).
12. Dr. Vladimir Paramonov e Dr. Aleksey Strokov, *The Evolution of Russia's Central Asia Policy* (Shrivenham: Defence Academy of the United Kingdom Advanced Research and Assessment Group, Junho de 2008), 1, http://kms1.isn.ethz.ch/serviceengine/Files/ISN/92594/ipublicationdocument_singledocument/7CBDD98D-FDF3-49DB-82FDB62DE5CE81C3/en/08_June.pdf (acessada em 07 de dezembro de 2009).
13. Shaikhutdinov, "Central Asia," 46; e Boonstra, "Russia and Central Asia," 70.
14. Paramonov e Strokov, *Evolution of Russia's Central Asia Policy*, 2–3.
15. *Ibid.*, 3.
16. Rumer, "A New World Order?" 5.
17. Paramonov e Strokov, *Evolution of Russia's Central Asia Policy*, 2.
18. *Ibid.*, 3; e Shaikhutdinov, "Central Asia," 46.
19. Fonte confidencial, entrevista pelo autor, 16 de março de 2009.
20. Paramonov e Strokov, *Evolution of Russia's Central Asia Policy*, 2, 4. Turquemenistão não é um membro da CEI.
21. *Ibid.*, 4.
22. *Ibid.*, 6. Os autores observam que o Tajiquistão era uma exceção a esta "procura por parceiros externos".
23. *Ibid.*
24. *Ibid.*, 7.
25. *Ibid.*
26. Boonstra, "Russia and Central Asia," 70.
27. Paramonov e Strokov, *Evolution of Russia's Central Asia Policy*, 8.
28. *Ibid.*
29. *Ibid.*, 11.
30. Jim Nichol, *Central Asia: Regional Developments and Implications for U.S. Interests*, Relatório do CRS para o Congresso, RL33458 (Washington, DC: Congressional Research Service, 21 de setembro de 2009), 7, <http://www.fas.org/sgp/crs/row/RL33458.pdf> (acessada em 07 de dezembro de 2009).
31. Jennifer D. P. Moroney, "Building Security in Central Asia: A Multilateral Perspective" em *In the Tracks of Tamerlane: Central Asia's Path to the 21st Century*, ed. Daniel L. Burghart e Theresa Sabonis-Helf (Washington, DC: National Defense University Press, 2004), 345, <http://www.ndu.edu/CTNSP/tamerlane/Tamerlane-Chapter16.pdf> (acessada em 07 de dezembro de 2009).
32. Paramonov e Strokov, *Evolution of Russia's Central Asia Policy*, 9.
33. *Ibid.*, 12, 8.
34. *Ibid.*, 9–10.
35. *Ibid.*, 8.
36. *Ibid.*, 11; e Nichol, *Central Asia*, 7.
37. Paramonov e Strokov, *Evolution of Russia's Central Asia Policy*, 11.
38. *Ibid.*, 9–10.
39. Boonstra, "Russia and Central Asia," 70.

40. Shaikhutdinov, "Central Asia," 47; e Roy Allison, "Strategic Reassertion in Russia's Central Asia Policy," *International Affairs* 80, n° 2 (Março de 2004): 277, <http://www3.interscience.wiley.com/cgi-bin/fulltext/118753931/PDFSTART> (acessada em 07 de dezembro de 2009).
41. Nichol, *Central Asia*, 8.
42. Allison, "Strategic Reassertion," 279.
43. *Ibid.*, 278.
44. *Ibid.*, 287. Outros analistas especularam que Kant é apenas uma oposição à Manas.
45. Nichol, *Central Asia*, 8.
46. Allison, "Strategic Reassertion," 290.
47. Ilkhamov, "Russia Lures Uzbekistan," 9.
48. *Ibid.*
49. Nichol, *Central Asia*, 32n101.
50. Stephen Blank, "The Strategic Importance of Central Asia: An American View," *Parameters* 38, n° 1 (Primavera de 2008): 75, <http://www.carlisle.army.mil/usawc/Parameters/08spring/blank.pdf> (acessada em 07 de dezembro de 2009).
51. *Ibid.*, 79.
52. Boonstra, "Russia and Central Asia," 72.
53. Paramonov e Strokov, *Evolution of Russia's Central Asia Policy*, 13.
54. *Ibid.*, 14; Blank, "Strategic Importance of Central Asia," 78; e Boonstra, "Russia and Central Asia," 75.
55. Paramonov e Strokov, *Evolution of Russia's Central Asia Policy*, 13.
56. Andrew Scheineson com Lionel Beehner e Preeti Bhattacharji, "The Shanghai Cooperation Organization," *Conselho de Relações Exteriores*, 24 de março de 2009, http://www.cfr.org/publication/10883/shanghai_cooperation_organization.html (acessada em 07 de dezembro de 2009).
57. Eugene B. Rumer, "China, Russia and the Balance of Power in Central Asia," *Strategic Forum* 223 (Novembro de 2006): 1, 3, <http://www.ndu.edu/inss/Strforum/SF223/SF223.pdf> (acessada em 07 de dezembro de 2009).
58. Paramonov e Strokov, *Evolution of Russia's Central Asia Policy*, 18.
59. Allison, "Strategic Reassertion," 279.
60. Jim Nichol, *Central Asia's Security: Issues and Implications for U.S. Interests*, Relatório do CRS para o Congresso, RL30294 (Washington, DC: Congressional Research Service, 29 de janeiro de 2008), 48, <http://opencrs.com/document/RL30294/2008-01-29/download/1013/> (acessada em 07 de dezembro de 2009).
61. Paramonov e Strokov, *Evolution of Russia's Central Asia Policy*, 18.
62. "The Foreign Policy Concept of the Russian Federation," 12 de julho de 2008, <http://eng.kremlin.ru/text/docs/2008/07/204750.shtml>
63. *Ibid.*
64. *Ibid.*
65. *Ibid.*
66. *Ibid.*
67. Boonstra, "Russia and Central Asia," 73.
68. Clifford J. Levy, "Poker-Faced, Russia Flaunts Its Afghan Card," *New York Times*, 21 de fevereiro de 2009, WK3, <http://www.nytimes.com/2009/02/22/weekinreview/22levy.html> (acessada em 07 de dezembro de 2009).
69. *Ibid.*
70. *Ibid.*; e fonte confidencial, entrevista pelo autor, 20 de fevereiro de 2009.
71. Levy, "Poker-Faced," WK3.
72. "Kyrgyzstan: Russia Seeks Second Military Base in Central Asian Nation, Rattling Uzbekistan," *Eurasianet.org*, 13 de julho de 2009, <http://www.eurasianet.org/departments/insight/articles/eav071309.shtml> (acessada em 07 de dezembro de 2009).
73. Ilkhamov, "Russia Lures Uzbekistan," 11.